

*Ana Maria Maçalhães
Isabel Alçada*

**Uma
Aventura**

no Sítio Errado

*Ilustrações de
Arlindo Faundes*

CAMINHO

Capítulo 1

Por engano



— Estou a morrer de sono! — disse a Teresa com um longo bocejo.

— Também eu e até acho que já adormeci — respondeu-lhe a irmã, aconchegando-se no banco do comboio onde viajavam com os amigos há horas.

Os rapazes também se sentiam moles.

— A Quinta do Ramalhal deve ser no fim do mundo!

Pedro olhou a paisagem que corria ao contrário no vidro da janela. Não se via grande coisa por já ser noite fechada, mas dava para perceber que atravessavam campos onde só havia quintas.

— Já não deve faltar muito, pelas minhas contas são só mais três estações.

— Nesse caso não vale a pena dormir — decidiu o Chico remexendo-se para afastar a sonolência que lhe espapaçava os músculos.

João sorriu com as pálpebras semifechadas, afagou a cabeça do *Faial* que dormia aos seus pés, caiu para o lado e mergulhou no mais profundo dos sonos com a cabeça apoiada no rolo do saco cama. As gémeas não davam acordo de si e o *Caracol*, encaixado entre as duas, respirava soltando os ruídos leves e assobiados de um rressonar canino. Balanços suaves da carruagem, pouca luz, rodas a chiar nos carris, tudo contribuiu para que se entregassem ao cansaço. Não resistiram, pouco depois iam todos a dormir. Pedro não se enganara, só faltavam três estações para chegarem ao local onde deviam encontrar-se com os outros participantes do campo de férias «Vida Selvagem», mas só acordaram quando o revisor veio abaná-los.

— Chegámos ao fim da linha, têm de sair!

As gémeas esfregaram os olhos sem saber bem onde estavam, Chico ergueu-se de um salto, pegou na mochila e avançou para a porta aos tropeções. João seguiu-o puxando o *Faial* pela coleira.

— Não é aqui — balbuciou o Pedro.

— É, é, amigos! E toca a andar que o comboio chegou ao fim da linha e o meu dia de trabalho também — respondeu-lhe o revisor.

Pedro queria perguntar onde estavam e como haviam de voltar para trás mas não pôde fazê-lo porque ele passou à carruagem seguinte e desapareceu. Os amigos já se tinham apeado, foi ter com eles.

— Não é para desanimar, mas acho que estamos no sítio errado e a esta hora não deve haver maneira de voltar para trás.

O ventinho frio que varria a plataforma tinha-os despertado por completo e desesperavam cheios de fome. Nas mochilas não sobrava nada, o barzinho da estação com as persianas corridas só devia abrir na manhã seguinte.

— Vou telefonar para a Quinta do Ramalhal a dizer que estamos estupidamente perdidos e a pedir que nos venham buscar.

Pedro ainda só marcara dois números no telemóvel quando o único empregado de serviço naquela estaçõzinha minúscula apareceu ao fundo da plataforma. Vendo o grupo rodeado de mochilas e acompanha-

do por dois cães, tirou as suas conclusões e acenou-lhes.

— A camioneta está à vossa espera ali adiante! Despachem-se senão ficam em terra!

Admirados, olharam primeiro para ele e depois uns para os outros. Seria possível que os tipos do campo de férias, não os vendo apear-se, tivessem resolvido ir buscá-los à estação seguinte?

— Isso era ótimo — disse a Luísa.

— Mas como é que adivinharam que saímos aqui?

— Se calhar só havia mais esta estação!

Chico contornou o pequeno edifício das bilheteiras e ficou radiante.

— A camioneta está ali, venham!

Aliviadíssimos, puseram as mochilas às costas e correram até à praceta onde se encontrava uma camioneta castanha, de feitio antiquadíssimo e motor igualmente velho, pois já estava a trabalhar e fazia um barulho infernal empestando a atmosfera com a fumarada preta a cheirar a gasóleo que lhe saía pelo tubo de escape.

Chico riu-se.

— Já viram isto? Condiz com o tema do campo porque parece um hipopótamo

aos roncões por estar mal da barriga!
Venham!

Entrou à frente e passeou os olhos à procura de lugares vagos sem prestar grande atenção às pessoas já instaladas. Como o último banco não tinha ninguém, avançou seguido pelas gémeas e pelo João, que segurava o *Faial* e o *Caracol*:

— Só trazem dois cães? — perguntou o motorista.

Pedro, que vinha atrás, estranhou. Tinham tido uma trabalhadeira para convencer os responsáveis pelo campo de férias a deixá-los levar os cães e agora achavam que dois era pouco? O motorista, vendo-o ali espedado a olhar para ele, pôs-se a gozar:

— Que foi? Congelaste?

Sem esperar pela resposta, fechou a porta e meteu a primeira. Pedro pousou-lhe a mão no braço, o homem fitou-o impaciente.

— Que é que foi?

— Desculpe lá, mas para onde é que vamos?

Ele resmungou qualquer coisa terminada em «al» e arrancou de forma tão brusca

que Pedro perdeu o equilíbrio e caiu em cima da mulher do primeiro banco.

— Desculpe, desculpe — balbuciou, atrapalhadíssimo.

A mulher franziu-se e abriu a boca certamente para reclamar, mas a chinfrineira do motor abafou-lhe a voz e o que Pedro ouviu quando se endireitou foi um guincho que parecia mesmo de macaco. Pas-mado, olhou em volta. Ali dentro não havia sinal de nenhuma espécie de macaco, o que havia era gente que de certeza não ia para o campo de férias, gente mais velha e esquisitíssima. Um viajava de calças de ganga e chapéu de palha redondo. Outro trazia uma capa de seda encarnada à volta dos ombros, a mulher do lado remexia numa bola também vermelha que inchava e desinchava conforme ela lhe punha as mãos em cima.

— Que seca! Enganámo-nos!

Sem saber se seria melhor falar primeiro com os amigos ou pedir ao motorista que parasse para os deixar sair, avançou até meio da camioneta, onde foi obrigado a parar porque uma rapariga chinesa se entretinha a fazer saltar rãs entre um

frasco que transportava no colo e o cesto do rapaz que viajava do outro lado do corredor. Tudo aquilo era insólito. Pelos sinais que os amigos lhe faziam lá no fundo percebeu que eles também já tinham topado o engano. Decidiu voltar para trás e falar com o motorista.

— Faz favor...

O homem não respondeu.

— Precisamos de sair.

— Agora? Nem pensar! Tu não ouves o motor a gemer? Se paro a meio da subida ficamos empanados.

— Mas...

— Deixa-me em paz! Vai para o teu lugar, que é proibido andar em pé! — ordenou sem desviar os olhos da estrada que já nem era bem estrada, era um caminho de terra muito íngreme e apertado entre árvores e arbustos emaranhadíssimos. Pedro percebeu que não valia a pena insistir e então foi ter com os amigos de telemóvel em punho.

— Temos de falar para a Quinta do Ramalhal...

— E quanto mais depressa melhor — pediu a Teresa. — Esta gente é muito estranha para meu gosto.

**FAZ FAVOR...
PRECISAMOS DE SAIR.**

**AGORA ?
NEM PENSAR ! SE PARO
A MEIO DA SUBIDA FICAMOS
EMPANADOS.**



— Se tivéssemos o número já tínhamos ligado nós.

Pedro sentou-se entre o Chico e o João com cara de caso.

— Então?

— Não há rede...